

Resenha

A batalha de Argel.

Direção de Gillo Pontecorvo. Produção: Casbah Films, Argel. Roteiro: Franco Solinas.

Intérpretes: Brahim Haggiag, Jean Martin, Saadi Tafet e outros. Estúdios Lumière. 1965.

Duração: 121 min.

por Adson Rodrigo Silva

Obra-prima do cinema politizado dos anos 1960, sem exageros didáticos ou visões superficiais do processo histórico, o diretor italiano Gillo Pontecorvo conseguiu fazer um filme ultra-realista sem abrir mão da emoção e da aventura. Diretor de *Queimada* e também *Firenze II*, no filme “A batalha de Argel” trabalha algo que vem desenvolvendo desde suas primeiras obras, que é a denúncia do colonialismo por países europeus. Pontecorvo, nascido em Pisa (norte da Itália) em 1919, emigrou para Paris no período da ditadura de Mussolini. Nessa cidade atuou contrariamente ao poder, o que culminando com seu exílio. O exílio, ao invés de afastá-lo dos pensamentos críticos da ditadura, o aproximou ainda mais da resistência italiana, como podemos perceber através da sua filiação com o Partido Comunista em 1941, nele militando por muitos anos.

Pontecorvo é um homem bastante envolvido com a política, conforme apresentado no CD 2 da coletânea, e suas obras recebem influências de importantes momentos vividos pelo diretor nos comícios que realizou contra os fascistas e os alemães, chamando a população para a insurreição. Esse período de militância vivenciado por Pontecorvo, momento em que ele liderava a oposição ao fascismo em Milão, à frente da Juventude Comunista, lutando durante a II Guerra Mundial, marca a obra aqui retratada, principalmente quando vemos que essas lutas eram feitas na clandestinidade. Para o autor, a organização secreta permitia a sobrevivência ao poderio superior do adversário e da polícia. Naturalmente, o que aprendeu em Milão, Genova ou nas montanhas preencheu o roteiro de “A batalha de Argel”.

O filme de Gillo Pontecorvo se passa em Argel, capital da Argélia, então colônia francesa, durante o processo de revolta contra a dominação europeia no final dos anos 1950. A ação se transpõe entre 1954 a 1957 e o diretor, que com maestria mistura ficção e fatos reais, procura tratar com veracidade a resistência argeliana (mediada pela personagem Ali La Pointe) e a violência do exército francês (Tratada na personagem Coronel Mathieu), obtendo, como resultado, um “quase” documentário, intenso, emocionante, que mantém o espectador em suspense do início ao final do filme.

O enredo está inserido no contexto das lutas de independência no período da descolonização da África e da Ásia, que se desenvolveram no período do pós-guerra. O ano é 1957, temos inicialmente o que parece ser um prisioneiro que acaba de ser “interrogado”, recebendo ordens de membros do exército e confirmado um endereço. Em seguida temos a invasão desses militares a uma residência e o cerco a um guerrilheiro específico: Ali La

Pointe. Ele é convidado a se render, já que todos seus companheiros foram presos ou mortos. Assim, percebemos que o filme começa no fim do enredo.

O filme se desenvolve então em um grande flashback, voltamos para o ano de 1954, e Argel é mostrada a partir dos seus contrastes de colônia: de um lado o bairro europeu, do outro o bairro muçulmano, a Casbah. Ao mesmo tempo em que temos em *OFF* os termos da FLN – Frente de Libertação Nacional –, comunicando a “luta dirigida contra o colonialismo”, de acordo com o islã e o respeito às diferenças étnicas e religiosas, temos a captura de Ali La Pointe, não ainda como criminoso político, mas como charlatão, golpista e delinquente juvenil.

Na cadeia ocorre o contato de Ali com criminosos políticos, e o diretor revela sua genialidade na bela tomada da execução na guilhotina de um desses presos por motivos políticos, gritando a grandeza de Alá e que a Argélia vive! Liberto, o protagonista entra para os quadros da FNL, passando antes por um perigoso e frustrante teste para comprovar sua fidelidade à causa.

Temos em seguida um novo corte temporal, agora o ano é 1956. Novamente temos o recurso do *OFF* ressaltando a propaganda contra a dominação, responsabilizando os franceses não só por essa dominação e opressão mas também pelo flagelo evícios (como o alcoolismo e prostituição dos argelianos). Seguindo as ordens muçulmanas, a FLN passa a proibir o uso do álcool e de drogas, a participação em jogos e a prostituição. Já que é necessário “limpar” Casbah, seu principal agente se torna Ali La Pointe. Essa passagem elucida que além da questão política, decorrente da colonização, temos uma questão religiosa e mesmo sociológica, onde a colonização reforça as divergências culturais entre os dominantes e os dominados. Percebemos também o caráter que a religião assume como forma de resistência e de luta. Tema atual, pois nos remete para a recente guerra infligida contra o terror pelo governo estadunidense nesses últimos anos, revelando o conflito entre as culturas e ocidentais e islâmica.

Vemos que o caráter da resistência e da luta contra a dominação francesa se dá em amplos aspectos do cotidiano desses argelinos. Temos o casamento entre dois jovens muçulmanos realizado às escondidas e por membros da FLN, mostrando que além da luta armada há uma forte questão civil, que de certa maneira já está presente no combate ao consumo das drogas e do álcool.

Temos também o aumento da violência pela FLN, atentados contra policiais e delegacias servem para mostrar a força e a organização do movimento urbano, pois muitos ataques ocorrem de forma ordenada em pontos espalhados da cidade. O aumento dos ataques contra as autoridades as levam a reagir com mais policiamento, fechamento de ruas, isolamento dos bairros árabes, controlando entrada e saída de seus habitantes, toques de recolher e, inclusive, controle de remédios e do atendimento em hospitais e ambulatórios de ferimentos à bala.

A violência direta não vai partir apenas de um dos lados, membros da polícia vão promover um ataque à bomba em uma viela do bairro árabe, Casbah, o que provoca uma revolta por parte dos moradores que saem imediatamente às ruas, mas a FLN intervém e se compromete em vingar o ataque. Temos a partir de então, uma nova onda de atentados,

agora contra locais públicos nos bairros europeus, inclusive com a utilização de mulheres como guerrilheiras. É inquietante a seqüência que envolve os três ataques, onde o diretor optou por mostrar todos os aspectos desde a preparação das mulheres, passando pelas instruções e preparação das bombas, até o desfecho final de explosão.

Passando para o ano seguinte, 1957, temos uma maior repressão ao movimento armado. O governo convoca os pára-quedistas franceses para reprimir os insurgentes. Liderados pelo ex-membro da resistência francesa durante a segunda guerra, o coronel Mathieu. Esses militares irão se utilizar de inteligência investigativa, do “interrogatório”, com direito a sessões de tortura, e vão ocupar Casbah, considerando que estão assim em guerra contra os separatistas. O auge dos conflitos se dará durante a convocação por parte da FLN de uma greve geral de 6 dias, aproveitando o momento em que a ONU discutirá a questão argeliana. As forças integracionistas vão obrigar que estes grevistas saiam para as ruas, aprisionando alguns habitantes e utilizando dos seus métodos para descobrir os líderes da FLN. Durante esse período temos um interessante uso da imprensa como forma de legitimar a repressão e criminalizar o movimento de independência, com o papel que tem nas críticas aos separatistas.

Com a tortura e prisões de alguns membros da FLN, ela vai sendo desmantelada, a ONU opta por não intervir diretamente, e a greve não obtém o resultado almejado devido às fortes repressões que os integracionistas fazem na ocupação de Casbah. A própria FLN diverge quanto a tática a ser adotada, mas optam por promover mais atentados para mostrar que estão ainda na ativa. Mesmo com a morte de civis e inocentes de ambos os lados, os conflitos continuam, muitas vezes envolvidos não só pelas questões políticas, mas também por questões étnicas e religiosas. Pontecorvo capta bem essa questão, pois, em diversas passagens do filme, como no espancamento de um garoto árabe vendedor de doces e na delação da população de um bairro europeu à um mendigo, vemos que há mais envolvido do que meramente os aspectos políticos do conflito.

Com a prisão de líderes do movimento os colonizadores tem aquilo que queriam, a esperança de que a segurança será restabelecida, mais uma vez temos o uso da imprensa como arma, ao se espetacularizar a prisão do líder intelectual do movimento Lurbi Ben M’Hioli. Temos ainda mais seqüências de ação pelas vielas de Casbah, em emocionantes perseguições dos militares aos insurgentes e líderes que vêm seus disfarces e esconderijos fracassarem, capitulando um a um, até chegarmos no fim de todo o flashback, retornando ao inicio da película e ao fim da história: temos Ali La Pointe, escondido junto a uma criança, uma mulher e um homem em um fundo falso na parede, cercados pelas tropas de Mathieu.

A obra é bastante elucidativa e envolve um tema polêmico, já que mostra a forma da luta e as táticas de resistência pela independência Argelina, tanto no lado dos dominados como no dos dominadores. Pontecorvo foi brilhante ao destruir o maniqueísmo e pieguice que geralmente envolve os romances sobre esses temas. Esse aspecto torna-se evidente no belo diálogo entre o Coronel Mathieu e um dos líderes da FLN. Claro que temos o uso de um fundo triste e de seqüências com um tempo mais lento quanto exibe-se as cenas de tortura, de espancamento e da explosão das bombas nos atentados, mas isso é necessário para que percebamos a dramaticidade das cenas.

Por fim, temos novos recortes temporais, cenas com os grandes distúrbios e tensões entre as autoridades e a população de Argel no ano de 1960, que uníssonas, mesmo sob ataque de cassetetes e até mesmo armas de fogo, lutam e exigem a independência nas ruas e avenidas de Argel, conquistada em julho de 1962. Acreditamos que o objetivo de Potencorvo em sua narrativa tenha sido mostrar como se constrói um processo de luta. Ele narra à formação da FLN, o seu auge e o seu final, mas deixa bem claro que quem tem o poder de concretizar as profundas transformações, no caso a Independência da Argélia, é a população, unida e mobilizada.

A Batalha de Argel ganhou o Leão de Ouro e o prêmio Fipresci (da Federação Internacional dos Críticos) no festival de Veneza em 1966. O filme foi banido na França até 1971 e o primeiro cinema que o exibiu sofreu atentado, também foi proibido no Brasil durante o período da Ditadura Militar. Afinal, Potencorvo fez desse filme uma cartilha sobre a ação política em forma de guerrilha.

Em suma, podemos, a partir do filme, refletir e entender essa Argélia que ainda hoje é um país cheio de conflitos, e que sua guerra interna é antiga, mais do que as confusões que teve com o país colonizador, a França. A batalha de Argel, documentada em uma película de Gillo Pontecorvo, é uma maravilhosa representação da batalha entre colonizador e colonizado e dos conflitos deste povo, que até o presente vive uma guerra civil que marca o país.